

Tendência interdisciplinar das Ciências da Religião no Brasil. O debate epistemológico em torno da interdisciplinaridade e o paralelo com a constituição da área no país¹

The interdisciplinary trend in Sciences Religion in Brazil. The epistemological debate about interdisciplinarity and parallel with the establishment of the area in the country.

*Amauri Carlos Ferreira**
*Flávio Senra***

Resumo

O presente artigo discute a tendência interdisciplinar nos estudos pós-graduados em Ciências da Religião no Brasil. Procura identificar um paralelo entre a história da constituição da disciplina e o debate sobre a interdisciplinaridade no país. Ao orientar-se pela questão da interdisciplinaridade, este ensaio, antes de uma análise detalhada da história constituída e do método em questão, observa o trajeto percorrido e as tendências que nele se podem identificar. Ele se divide em dois momentos. No primeiro, destaca-se a situação, inaugural da disciplina no país, considerando o contexto do surgimento dos primeiros programas de pós-graduação em Ciências da Religião na palavra de alguns de seus atores. No se gundo

¹ Apoio: CAPES. Recebido em 10/05/2012. Aprovado em: 06/08/2012.

* Professor de Filosofia e Ciências da Religião da PUC-Minas- Mestre(PUC-SP), Doutor em Ciências da Religião(UMESP), Pós-doutor em Educação(UFMG). Contato: mitolog@pucminas.br

** Doutor em Filosofia Universidade Complutense de Madrid. Professor Filosofia e Ciências da Religião da PUC-Minas. Contato: flaviosenra@pucminas.br

momento, apresenta-se o debate em torno do método interdisciplinar procurando identificar uma tendência observada também na constituição das Ciências da Religião. As considerações finais situam o debate que já se avança por quase 20 anos, propondo que se assumam os riscos da tendência aqui construída, sem prejuízo para outras experiências no plano internacional para os estudos em Ciências da Religião.

Palavras-chave: *Ciências da Religião, interdisciplinaridade, epistemologia, teoria e método, pós-graduação.*

Abstract

This article discusses the trend in interdisciplinary postgraduate studies in Science of Religion in Brazil. It tries to identify a parallel between the history of the establishment of this discipline and the debate on interdisciplinarity in the country. When guided by the question of interdisciplinarity, this essay, before a detailed analysis of the history made and the method itself, notes the path and the trends that can be identified. It is divided into two phases. In the first phase, it highlights the situation in the country's inaugural course, considering the context of the emergence of the first graduate programs in Science of Religion in the word of some of its actors. In the second one, it presents the debate on the interdisciplinary method, once it tries to identify a trend also observed in the constitution of Science of Religion. The final comments contextualize the debate developed in the last 20 years, proposing that the risks of the trends built here may be admitted without prejudice to other international experiences in the studies of Sciences in Religion.

Key words: *Science of Religion, interdisciplinarity, epistemology, theory and method, graduate.*

“Parece não ter havido nenhuma ideia a não ser a ditada pelas circunstâncias.”
Antonio Gouvêa Mendonça (1922-2007)

Introdução

No âmbito dos estudos pós-graduados cujos programas estão associados à Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião [ANPTECRE], vive-se um momento histórico, marcado tanto pelo debate em torno da autonomia da área na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), quanto pelo debate em torno da necessária adequação da árvore do conhecimento junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).² Esse momento se reveste de importância capital para a análise do atual estado dos estudos sobre religião no país. Nesse contexto, este artigo, particularmente, destaca a tendência da perspectiva interdisciplinar das Ciências da Religião. Trata-se de uma contribuição do debate, já amadurecido pelos mais de 30 anos de programas de pós-graduação em Ciências da Religião, sendo que há quase 20 anos, desde a antiga Associação Nacional de Pós-graduação em Teologia e Ciências da Religião (ANPTER), se tem concentrado a discussão em torno da epistemologia das Ciências da Religião. Nesse processo concorreram tanto as influências específicas da Alemanha, França e Estados Unidos, quanto a particularidade dos estudos desenvolvidos no Brasil e em sua reconhecida interface com os estudos em Teologia.

Considerando-se o caráter *sui generis* da constituição das Ciências da Religião no Brasil, pretende-se aqui tratar de uma perspectiva sobre perspectivas. As últimas três décadas viram surgir um novo campo de conhecimento no país. Nesse período, de muitos lugares e horizontes, se contribuiu para a consolidação dos estudos nesse campo. Não sem diálogo com outras experiências constitutivas da *Religionswissenschaft*

² A assembleia da ANPTECRE, ocorrida na Universidade de Brasília (UnB) no dia 8 de maio de 2012, aprovou esses dois encaminhamentos que os programas de pós-graduação em Teologia e em Ciências da Religião protocolarão junto à CAPES e ao CNPq.

e congêneres na Europa,³ as origens das Ciências da Religião no Brasil foram marcadas pelas influências de certa corrente teológica e eclesial.⁴ Interessados por fundar um campo acadêmico de estudos sobre a relação religião e sociedade, os pais fundadores das Ciências da Religião no Brasil não pareciam cogitar o desenvolvimento de uma nova ciência. Em princípio, salvo melhor juízo, pareciam mais interessados em dispor em um mesmo programa de estudos a contribuição de disciplinas de distintas ciências interessadas pela compreensão do papel da religião na sociedade brasileira de então. Essa marca nacional faz do trajeto das Ciências da Religião no país, mesmo em seus desdobramentos e novas conjunturas, um caminho distinto daquela tradição europeia de estudos da religião.

Não se observa nas origens das Ciências da Religião no Brasil o objetivo claro em se estabelecer uma nova ciência. Procurava-se, ao que parece, criar um espaço acadêmico para o debate já em andamento em esferas eclesiais. Essa tendência se insinua apenas mais claramente quando da aparição do terceiro programa, o primeiro em uma universidade pública.⁵ Esse interesse que oscila entre maiores ou menores preocupações emergentes do vínculo com a confessionalidade das/nas instituições mantenedoras das instituições de ensino superior que abrigam os programas de pós-graduação em Ciências da Religião no país faz com que parte do debate epistemológico

³ Veja-se o importante trabalho realizado pelo professor Frank Usarski, da PUC-SP. Considere-se para o debate tanto a tradução de Greschat (2006), quanto a coletânea de textos dele, publicada por Usarski (2006). Também se reveste de importância capital a obra organizada pelo mesmo professor, a saber: Usarski (2007). As obras, no entanto, postas para o debate não refletem a tradição brasileira mais voltada para uma fundamentação interdisciplinar das Ciências da Religião.

⁴ Aqui concorrem tanto as correntes da chamada Igreja da Libertação quanto da Missão Integral. A teologia da libertação e as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), destaca o sociólogo Pedro Ribeiro de Oliveira (2011), contribuíram significativamente para a aproximação da interface entre a Teologia e a disciplina emergente, as Ciências da Religião.

⁵ Porém, aos demais programas, seguiu-se algo muito parecido àquela intuição originária. Exceções podem ser os programas vinculados a instituições públicas (UFJF, UFPB, UEPA) e o trabalho de reposicionamento nesta questão naquele que foi o primeiro dos programas da área (PUC-SP).

voltado para a defesa da constituição de uma ciência da religião não tenha sido assimilado plenamente pela área. Mas não é apenas isso. Há uma nítida distinção entre objetivos da moderna ciência da religião emergente no século XIX e as condições epistemológicas desenvolvidas na segunda metade do “pós-moderno” século XX. Este último esteve marcado sobremaneira pelo gosto pela multiplicidade metodológica e pelo reconhecimento do valor da pluralidade – algo que obriga cientistas, filósofos, teólogos e livres-pensadores a estarem sempre na condição de diálogo colaborativo. Já não existem aquelas condições espirituais, teóricas e práticas para a constituição de um método, um sistema ou uma nova ciência.⁶ Por ora, a realidade atual está fadada a assumir a constituição plural da realidade e terá de enfrentá-la na pluralidade das compreensões disponíveis e na perspectiva relacional orientada pela soma de diferentes perspectivas disciplinares.

Não se pode compreender tal realidade sem que se assuma, como ponto de partida, que se está, nesta abordagem, em um horizonte perspectivo. Toda perspectiva é o assumir, sem arrogar-se maior direito ou privilégio, que se fala de um lugar, de um tempo próprio, de um contexto específico e em relação. Esse contexto, diferentemente de uma abordagem orientada pelo princípio da identidade, pela afirmação de um absoluto, uma vontade de sistema ou horizonte relativista, emerge da assunção da obrigatória afirmação do olhar desde o lugar de onde cada um ocupa para enunciar uma percepção. O horizonte perspectivo exige o ouvir àquele que fala de outro ponto, e assim se forma a comunidade dos que observam, escutam e se expressam a partir da diferença e a partir de diferentes pontos. A disposição

⁶ Como evidenciou no final dos anos 1970 Jean-François Lyotard, a crise dos grandes relatos decorrentes das ideias das iluminadas filosofias do espírito, da crença no sujeito, da esperança da emancipação do trabalhador ou da possibilidade infinita da produção de riquezas e sua consequente exploração de recursos. Já não nos movemos assegurados nem pelas garantias das verdades metafísicas clássicas, tampouco pelas verdades da filosofia e ciência modernas. Esta última passa, nos últimos séculos, por uma avassaladora crise de plausibilidade, apresenta-se como um campo bastante modificado pelas transformações tecnológicas e políticas (cf. Lyotard, 2008).

do horizonte perspectivo é, portanto, dialogal por excelência. Por isso, não se pode confundir o horizonte da observação e da fala perspectiva com os relativismos tão destacados nesta época atual, nem da ausência de compromissos com o rigor na abordagem que se deve assumir no trabalho acadêmico. O horizonte perspectivo salta essa disputa ao concentrar-se na tarefa do olhar interessado, da escuta generosa e paciente, da análise criteriosa e sistemática. No entanto, suas asserções não têm a pretensão de uma validade irrefutável nem pretendem constituírem-se como um método irrefutável. Toda asserção em horizonte perspectivo é um colocar-se à disposição para o diálogo, todo falar nesse caso é um dispor desde um lugar. A interdisciplinaridade, como método perspectivo, esteve, ainda que não problematizado, atravessando esses mais de 30 anos de processo de consolidação da disciplina Ciências da Religião no Brasil.

1. Considerações sobre a constituição da área no Brasil

Para que se compreenda que o cenário da constituição dos estudos em Ciências no Brasil se deu de forma a não problematizar a constituição de uma nova ciência, faz-se necessário um breve giro pela história disponível sobre os primeiros movimentos nesse contexto.

Marques e Rocha (2007) ofereceram aos estudiosos das Ciências da Religião, na entrevista realizada com os professores Edênio dos Reis Valle, José J. Queiroz e Antonio Gouvêa Mendonça, preciosas informações sobre os estudos de matriz científica sobre a religião e o surgimento dos primeiros programas no Brasil. Edênio Valle destaca na entrevista a importância de se levar em conta inclusive o período pré-científico do estudo da religião. Valle destaca o papel de portugueses e jesuítas como responsáveis por produzir um importante acervo arqueológico sobre as expressões

religiosas nativas. Do século XVIII ao início do século XX, ele comenta inúmeras iniciativas em termos científicos na esteira da sociologia positivista de Comte e também de uma linha médico-psiquiatra. O professor Edênio Valle sugere que se pode falar “mais especificamente em ‘Ciências da Religião’ com a fundação da USP, quando chegam ao Brasil professores franceses como Lévi-Strauss e Roger Bastide” (Valle apud Marques; Rocha, 2007, p. 2).⁷

Pedro Ribeiro de Oliveira⁸ apresentou os indícios do que poderíamos sinalizar como o momento inaugural dos estudos

⁷ Mendonça (2001) apresenta uma análise da contribuição de Roger Bastide para o começo da sociologia da religião no Brasil. Além de Lévi-Strauss (1908-2009) e Roger Bastide (1898-1974), citados por Valle ao se referir ao papel da USP, Oliveira (2011) destaca, entre os professores estrangeiros que ali atuaram, o antropólogo brasileiro Charles Walter Wagley (1913-1991), o cientista social alemão Emilio Willems (1905-1997) e o sociólogo estadunidense Donald Pierson (1900-1995). Em todos esses casos encontraremos estudos sobre variados aspectos da cultura religiosa brasileira.

⁸ Aqui se faz referência às duas conferências proferidas pelo autor nos I e III Congressos da ANPTECRE, ocorridos em São Paulo, em 2009 e 2011, respectivamente. O sociólogo destaca a difusão de métodos de pesquisa para estudar práticas religiosas, desafeição religiosa, enfim, para todo tipo de análise da realidade. Foram as primeiras aproximações entre as ciências sociais, as práticas eclesiais e a reflexão teológica. Na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), criou-se o Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (CERIS). No Instituto Nacional de Pastoral (INP), segundo Oliveira, também se deu uma importante interface entre a instituição religiosa e as ciências sociais. Entre seminários e institutos de formação, Oliveira aponta, como melhor exemplo, o Instituto de Teologia do Recife (ITER). Pedro Ribeiro de Oliveira (2011) lembra que os autores evangélicos mantinham sua propensão tanto para teologia quanto para Ciências da Religião em suas abordagens, sem demarcar claramente as fronteiras entre ambas. Nesse meio protestante, Pedro Ribeiro se lembra do papel do Setor Igreja e Sociedade da Confederação Evangélica do Brasil. Quanto aos centros laicos de pesquisa acadêmica e organismos religiosos, por motivos políticos, parecem acordar uma contribuição, sugere Oliveira (2011), a partir da luta comum pela causa dos direitos humanos durante os anos de ditadura militar no Brasil. Essa aproximação, embora não pareça ter havido plenamente tal reconhecimento, ao menos no contexto político, serviu para aproximar grupos de intelectuais e pastoralistas numa aliança de oposição aos abusos do regime ditatorial. Não poderia ficar fora dessa consideração o destaque de Oliveira para a fundação do Instituto Superior de Estudos da Religião (ISER) e do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI). Enquanto esses organismos estavam voltados para os interesses pastorais das igrejas, o Centro de Estudos da Religião da USP, tendo a *Revista Religião e Sociedade* como meio de expressão de sua produção, tornou-se um relevante espaço de investigação sobre a religião no meio acadêmico. No âmbito acadêmico, do ponto de vista das ciências sociais, Pedro Ribeiro de Oliveira menciona a importância da criação do GT Religião e Sociedade nos congressos da ANPOCS. Já no âmbito da psicologia, Edênio Valle, na mencionada entrevista a Marques e Rocha (2007), a criação, em 1965, na PUC-SP, da Sociedade Brasileira de Psicologia da Religião.

científicos sobre a religião no Brasil. Para Oliveira (2011), até 1960, houve uma total falta de comunicação entre universidade e instituições eclesiais. A situação, no entanto, mudou no período entre 1960 e 1975. Esse período esteve marcado por uma mudança nas mentalidades eclesiais no Brasil e no exterior. Abriam-se espaços de interface e as ciências sociais foram acolhidas como “instrumentos auxiliares para a solução de problemas pastorais” favorecendo “o estudo da função social das igrejas” (Oliveira, 2011, p. 4).

Quando do surgimento dos primeiros programas de pós-graduação em Ciências da Religião, as entrevistas de Marques e Rocha, publicadas na *REVER*, em 2007, destacam o clima de proximidade entre Teologia e Ciências da Religião. Tal proximidade revelava-se, destaca Queiroz a Marques e Rocha (2007), na metodologia de análise da sociedade e da religião, preferencialmente de recorte dialético, utilizadas tanto pelas ciências sociais, quanto pela teologia latino-americana. Essa situação, no entanto, lamenta o professor, não demorou a desfazer-se, considerando que o enfraquecimento da força da teologia da libertação latino-americana, sob influência dos dois últimos papados, acabou por levar ambos os grupos, religiosos e acadêmicos, a buscarem cada qual o seu caminho. Por outro lado, destaca-se que muitos daqueles intelectuais da então teologia da libertação, teólogos ou cientistas sociais, vieram a encontrar nas Ciências da Religião um lugar para o desenvolvimento de suas investigações, protegidos das interferências de natureza eclesial. Esse não pode ser um ponto a se desconsiderar nesse cenário. Também para Edênio Valle o surgimento dos programas de pós-graduação em Ciências da Religião no Brasil está intimamente ligado à preocupação das igrejas cristãs com o fenômeno religioso.

Essas igrejas é que fundaram realmente grupos de estudos nesta direção. Por outro lado, isso também vem do avanço da Sociologia e da Antropologia brasileiras, porque do seu ponto de vista é que começam os estudos. A História e, em menor

grau, a Psicologia também trilharam esse caminho. [Valle apud Marques; Rocha, 2007, p. 2].

Valle reforça em sua entrevista que no surgimento das Ciências da Religião no Brasil a maior preocupação era oferecer um estudo mais específico sobre o tema religião. Não parecia haver sequer uma preocupação para que esse estudo fosse nomeado como Ciências da Religião. As intuições originárias apontavam para a confirmação da expressão “Estudos da Religião”, lembra Valle, dando lugar a uma perspectiva de inclusão das disciplinas que tratavam o fenômeno religioso como uma abordagem pluridisciplinar. Nesse caso, a questão religiosa deveria ocupar o interesse central na investigação. A sociologia, a antropologia, a psicologia ou a história podem se ocupar da religião apenas como um interesse secundário. Porém, assumida a perspectiva interdisciplinar das Ciências da Religião, cada disciplina passa a ser entendida como uma específica contribuição nos estudos sobre as religiões.

Por influência da tradição alemã e do positivismo francês, consideradas suas consequências no campo das ciências sociais e da política, é que se nota uma tendência em separar as Ciências da Religião da Teologia. Pelo que se tem exposto, com Oliveira (2011) e Valle em sua entrevista a Marques e Rocha (2007), essa não parece ter sido a matriz sobre a qual se constituiu esse campo do saber no Brasil. Há que se considerar muito particularmente o influxo da teologia da libertação latino-americana para o surgimento dos programas. No princípio, eram teólogos, filósofos, médicos, psicólogos. Alguns eram padres ou pastores. Depois vieram os cientistas sociais e, mais tardiamente, o desejo de se separar da influência teológica. Especificamente, não obstante o maior diálogo com as tradições alemã e francesa, incluído aí a presença de alguns docentes formados por essas escolas, uma maior distinção entre Teologia e Ciências da Religião parece estar mais orientada pelo interesse em separar o que é investigação de perfil estritamente acadêmico daquela investigação, igualmente acadêmica, crítica e metodologicamente estruturada, mas com

um *plus*, ou seja, o interesse pastoral. Isso não apenas parece estar no subsolo das tensões entre teólogos e cientistas da religião, mas inclusive servido comumente como tema de debates entre colegas da área. Mas não há resistências aguerridas, pois a tradição de investigação em Teologia e em Ciências da Religião sabe-se originada de um mesmo tronco: as instituições religiosas.⁹

Na década de 1990, surgiu o Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião na Universidade Federal de Juiz de Fora (PPCIR-UFJF).¹⁰ Curiosamente, é desse programa, cuja nomenclatura se apresenta no singular, que surgem vozes que apelam claramente para a formação interdisciplinar das Ciências da Religião. No livro organizado por Faustino Teixeira (2001), na ótica dos vários docentes do programa que participaram do seminário que deu origem à obra, comentam-se alguns aspectos da constituição do PPCIR-UFJF, levando-se em consideração a interface entre teologia ou vinculação religiosa, a formação do programa e os desafios e tarefas decorrentes da constituição da disciplina no país. Além dos professores do PPCIR, participam da obra pesquisadores de outros programas de pós-graduação em Ciências da Religião existentes. Os autores se preocuparam em abordar, de diferentes perspectivas, suas compreensões sobre a constituição do estatuto epistemológico da(s) Ciência(s) da Religião. A obra se preocupou em ser, nas palavras de Teixeira (2001, p. 9), uma “autorreflexão metodológica”. No entanto, a própria coleção “Religião e Cultura”, em sua apresentação, afirma que a abordagem ali

⁹ Essas são as marcas inaugurais do surgimento dos dois programas em Ciências da Religião no Brasil: o da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e o do Instituto Metodista de Ensino Superior, hoje UMESP. Esses dois programas, interessados em assuntos relacionados em religião, procuraram justificar o corpo de estudos sobre a religião tornando-se reconhecível pelo MEC, através da CAPES, e pelo MCT, através do CNPq.

¹⁰ O departamento como tal possui uma história muito mais antiga. Por interferências eclesásticas, no entanto, ficou impossibilitado de manter a primeira oferta de Ciência da Religião no âmbito da graduação, tendo formado, porém, algumas turmas nos anos 1970. Após esse período, o Departamento de Ciência da Religião da UFJF oferecia disciplinas optativas a outros cursos do então Instituto de Ciências Humanas e Letras, hoje desmembrado em dois institutos distintos.

desenvolvida é interdisciplinar. O antropólogo Marcelo Camurça (2001), embora questione a “vaga *interdisciplinaridade*” que une os pesquisadores da área, defende, apoiado em Joaquim Wach, que, para o desvendamento das dimensões da experiência e expressão objetivada do religioso, “deveriam concorrer distintas disciplinas acadêmicas com seus instrumentais particulares, cada uma atinente à dimensão para a qual está habilitada, logo (...) *interdisciplinaridade!*” (Camurça, 2001, p. 206).

Como não é o objetivo deste artigo avançar na história dos programas de Ciências da Religião no Brasil, cabe notar preliminarmente que a última década foi a que assistiu ao maior crescimento de programas de pós-graduação em Ciências da Religião. Não obstante as publicações do pesquisador alemão Frank Usarski, acima mencionadas, terem surgido nesse período, destacando as características da Ciência da Religião na Alemanha, os novos programas insistiram na formulação plural e interdisciplinar da metodologia da área. Em um dos casos, o da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), aderiu-se inclusive à afirmação plural do objeto da disciplina, sendo aquele programa nomeado Ciências das Religiões.

Esta etapa do artigo deve nos levar ao questionamento pelo paralelismo entre a posição assumida pelos programas de pós-graduação em Ciências da Religião no Brasil relativa à metodologia interdisciplinar e o próprio percurso do debate sobre tal epistemologia. Não se trata de uma questão relativa à confessionalidade ou interface entre Teologia e Ciências da Religião. Trata-se de um posicionamento que assume a necessária ruptura com os modelos racionalista e positivista até então vigentes na academia. Não obstante, a própria complexidade do fato religioso parece exigir estudos interdisciplinares.

2. Interdisciplinaridade nas Ciências da Religião

Concordando com Camurça (2001, p. 211), defende-se neste artigo que “o enfoque a ser dado nos programas de pós-graduação

em Ciência(s) da Religião deva ser o da *interdisciplinaridade*.¹¹ A interdisciplinaridade não é uma temática nova quando se leva em conta os estudos em teoria do conhecimento. Nos programas de pós-graduação em Ciências da Religião, não se observa, entretanto, muita clareza quanto a essa proposta metodológica. Ela vem sendo assumida como uma tendência mais ou menos imposta pelas circunstâncias da época. Em todo caso, talvez seja oportuno tecer um brevíssimo histórico desse processo, levando em conta que o termo, como tal, apenas surge no século XX. Nesse sentido, deve-se destacar que na primeira metade do século passado observam-se já algumas perspectivas teóricas enfocando publicações universitárias interdisciplinares. Em meados dos anos 1930, por exemplo, afirma Santomé (1998), houve uma primeira tentativa de aproximar discussões que pudessem estabelecer uma relação entre as disciplinas na composição de áreas do saber. No entanto, o movimento interdisciplinar surgiu de fato na segunda metade do século XX, na Europa, particularmente na década de 1960. Nessa época, segundo Fazenda (2006), Georges Gusdorf apresentou, na UNESCO, um projeto de pesquisa de natureza interdisciplinar para as ciências humanas. Em 1970, para detalhar esse breve histórico do problema, aconteceu o Seminário Internacional sobre Pluralidade e Interdisciplinaridade, que contou com a participação de Jean Piaget.¹² Nessa ocasião, o pensador suíço afirmava que o futuro pertenceria às pesquisas interdisciplinares. Segundo Piaget,

não temos mais que dividir a realidade em compartimentos impermeáveis ou plataformas superpostas correspondentes às fronteiras aparentes de nossas disciplinas científicas, pelo

¹¹ Camurça (2001) vincula essa abordagem a de outros países como Inglaterra, Austrália, Estados Unidos e Canadá, onde os departamentos de *Religious Studies* assumem uma modalidade interdisciplinar, “um espaço onde se salvaguarda a autonomia e criatividade de cada área de abordagem, buscando uma articulação entre elas” (Camurça, 2001, p. 211).

¹² O seminário foi organizado pela Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e pelo Ministério de Educação da França.

contrário, vimo-nos compelidos a buscar interações e mecanismos comuns. (Piaget apud Santomé, 1998, p. 51).

Ao final da década de 1970, Hilton Japiassu esclarecia que

a interdisciplinaridade não é uma moda, pois corresponde a uma nova etapa do desenvolvimento do conhecimento e de sua repartição epistemológica. (...) não pode ser considerada uma *panaceia*, porque a ciência pode adotar outros caminhos, utilizar outros métodos e empregar outros procedimentos. (...) A interdisciplinaridade reivindica as características de uma categoria científica, dizendo respeito à pesquisa. (Japiassu, 1976, p. 51).

Considerando o processo histórico de constituição desse método, Fazenda (2006) apresenta o movimento interdisciplinar em três etapas. Na década de 1970, fez-se a construção da nova epistemologia interdisciplinar. Foi um período de conceituação básica, marcada pela preocupação terminológica. Nos anos 1980,¹³ em sua segunda etapa, desenvolveu-se a explicitação das contradições epistemológicas decorrentes dessa construção e buscou-se uma diretriz sociológica e metodológica para a interdisciplinaridade. Na terceira etapa, já nos anos 1990, pode-se falar da construção de uma nova epistemologia interdisciplinar, de um projeto antropológico e de uma teorização. Para Philippi Júnior (2011, p. XIII), “é praticamente um consenso entre cientistas e pesquisadores que a interdisciplinaridade é imprescindível, nos dias atuais, para o desenvolvimento da ciência, tecnologia e inovação”. Nos últimos 20 anos há uma tentativa, nas diversas áreas do conhecimento, de se consolidar o método da interdisciplinaridade. Esse processo não tem se apresentado sem ambiguidades e desafios. O documento da Área de Conhecimento Interdisciplinar, da CAPES, no que se refere ao triênio 2007-2009, vai ao encontro do que aqui se defende como método para as Ciências da Religião:

¹³ Na década de 1980, um dos documentos mais importantes foi “Interdisciplinaridade e ciências humanas”, elaborado por Georges Gusdorf e Edgard Morin, entre outros. O documento trata das ciências humanas e da codependência entre elas.

A interdisciplinaridade pressupõe uma forma de produção do conhecimento, porque ela implica trocas teóricas e metodológicas, geração de novos conceitos e metodologias, e graus crescentes de intersubjetividade, visando (...) atender a natureza múltipla de fenômenos de maior complexidade. [CAPES, 2009, p. 6].

A interdisciplinaridade se realiza em fronteiras com outras áreas do conhecimento, no contato com diversas ciências, gerando um campo novo na junção de disciplinas. É numa tentativa epistêmica de compreensão do mundo que a interdisciplinaridade, ao aproximar áreas e especialidades, partilha objetos comuns de conhecimento na contemporaneidade. O fato de as Ciências da Religião não terem aprofundado e definido esse como um método preferencial de sua abordagem não é nenhum demérito para a disciplina. Como lembra Leis:

A interdisciplinaridade se apresenta como questão central do trabalho científico contemporâneo. No entanto, não existe ainda uma reflexão suficiente aprofundada capaz de elucidar o amplo espectro de problemas epistemológicos e metodológicos que enfrenta cotidianamente o pesquisador e o docente que se enveredam nessa área. [Leis, 2011, p. 106-107].

É nesse campo de discussões interdisciplinares que se define a necessária integração entre as disciplinas que compõem os cursos de Ciências da Religião. Recorde-se de que se trata de um momento intermediário, como lembra Piaget, bem como outros epistemólogos defensores da interdisciplinaridade. Afinal, o que aqui se tem apresentado não tem levado em consideração nem a questão da multidisciplinaridade nem a da transdisciplinaridade. Veja-se como Piaget distingue os seguintes níveis de interação entre as disciplinas:

1) Multidisciplinaridade – nível inferior de integração, busca cooperação entre disciplinas na solução de um problema, sem que tal integração contribua para modificá-las ou enriquecê-las; 2) Interdisciplinaridade – segundo nível de integração, no qual a

integração promove intercâmbios reais, ocorrem enriquecimentos múltiplos; 3) Transdisciplinaridade – construção de um sistema total, sem fronteiras sólidas entre as disciplinas, ou seja, “uma teoria geral de sistemas ou estruturas, que inclua estruturas operacionais, estruturas de regulamentação e sistemas probabilísticos, e que una estas diversas possibilidades por meio de transformações reguladas e definidas”. (Piaget, 1970, p. 166-171).

No momento atual dos estudos sobre religião no Brasil, quando se nota uma inclinação pelo método interdisciplinar, espera-se um intercâmbio real, de “enriquecimentos múltiplos”. É preciso considerar que, na configuração de áreas de saber, são os pares de formação identitária que definem os fundamentos teórico-metodológicos de um determinado objeto. A consolidação desse processo se dá a partir da singularização e diferenciação das perspectivas teóricas, conceituais e metodológicas. É assim que o campo de uma certa área do conhecimento se organiza em disciplinas que a fundamentam. No caso das Ciências da Religião, a pluralidade das disciplinas científicas favorece uma compreensão mais dinâmica e aberta sobre o objeto em questão, o fato religioso. Essa demarcação epistêmica permite que se abram sempre novas possibilidades analíticas sobre o objeto a ser conhecido. Longe de parecer resolvida a questão, o que não está sob nenhum aspecto em consideração, no que se refere aos estudos interdisciplinares, esse processo deve se assumir em contínua construção. A legitimação desse método ocorre a partir de uma prática interdisciplinar que se mantém na abertura para novas colaborações. Segundo Leis (2011, p. 110), “a prática da interdisciplinaridade supõe o equilíbrio de dois aspectos, por um lado uma visão integradora de diversas disciplinas, e por outro um salto cognitivo que não esteja pressuposto em qualquer somatória das abordagens disciplinares”. Aqui é definitiva a relevância do pesquisar na dimensão do “inter”disciplinar. Nisso o documento da área interdisciplinar da CAPES esclarece:

A interdisciplinaridade se coloca como espaço privilegiado, como decorrência de sua própria natureza transversal indicada

em seu prefixo para avançar além das fronteiras disciplinares, articulando, transpondo e gerando conceitos, teorias e métodos, ultrapassando os limites do conhecimento disciplinar e dele se distinguindo, por estabelecer pontes entre diferentes níveis de realidade, diferentes lógicas e diferentes formas de produção do conhecimento. [CAPES, 2009, p. 6]

A nova área de conhecimento de Ciências da Religião e Teologia, considerando a relevância que o método interdisciplinar tem conquistado na epistemologia contemporânea, tende a assumir cada vez mais essa peculiar orientação metodológica para a investigação de seus objetos de pesquisa. A tendência é reunir a contribuição de diferentes ciências e se deixar enriquecer pela ampliação dos campos de abordagem sobre os objetos em investigação.

Diante do exposto, a pesquisa do fato religioso no Brasil se vê orientada por procedimentos que conduzem o pesquisador a fazer inferências críticas, realizar demonstrações, construir sínteses e análises, bem como construir quadros compreensivos que utilizem arcabouços teórico-metodológicos de cunho científico em perspectiva interdisciplinar. Esse fazer científico procura compreender o fato religioso e exige situá-lo no espaço cultural. As Ciências da Religião estão circunscritas no mundo da cultura e demandam, nesse cenário, abordagens interdisciplinares.

Nos programas de Ciências da Religião no Brasil, as disciplinas auxiliares que a compõem conformam um campo de investigação interdisciplinar que parece ir se solidificando. A origem dos cursos e dos pesquisadores que se uniram para pensar uma proposta de investigação é de natureza interdisciplinar ou, de certa forma, oriunda predominantemente de uma área do conhecimento. Como afirmava o professor Mendonça, retomando aqui em parte a epígrafe deste artigo,

Parece não ter havido nenhuma ideia a não ser a ditada pelas circunstâncias. Nenhum debate ou estudo que pusesse em relevo questões de ordem científica em favor das Ciências da Religião. O

que houve foi um salto histórico na apropriação de um estágio avançado da questão já em uso na Europa. Houve entre nós a tentativa de superação abrupta de uma tradição arcaica, marcada pela dupla presença de dois fatores antagônicos que imobilizavam qualquer pretensão de considerar a religião como objeto de ciência: a Teologia metafísica com seus absolutos universais, de um lado, e o Positivismo que se batia pela superação desse estágio como empecilho do progresso científico, de outro. A falta de uma fundamentação inicial iria provocar depois de alguns anos um debate que ainda se prolonga. (Mendonça apud Marques; Rocha, 2007, p. 12).

Essa perspectiva aponta para a produção acadêmica, seja docente ou discente, de tal maneira que conhecer ou reconhecer o modo como se conhece e se reconhece a construção do conhecimento em relação ao fato religioso não é apresentar uma única, mas diversa, tendo em vista a pluralidade de métodos que a própria área utiliza em seus procedimentos de pesquisa e ao mesmo tempo em que contexto ocorrem. Nas palavras de Mendonça (apud Marques; Rocha, 2007, p. 12), “ciência’ no plural já indicava a intenção de criar um curso pluridisciplinar, em que diversas ciências autônomas pudessem convergir para um objeto único que seria a religião”. Embora aqui se utilize o termo pluridisciplinar, é de interdisciplinaridade que se trata essa orientação nos termos acima definidos por Piaget (1970). Buscar compreender tal situação é avançar nessa construção do conhecimento, tendo em vista que a concepção dos estudos religiosos tem divergências em relação ao que é possível conhecer e de que maneira se conhece mediante uma prática ou uma postura interdisciplinar, uma vez que “não existem estudos interdisciplinares fora de seu contexto epistemológico e cultural” (Leis, 2011, p. 119).

Nesse sentido, buscar formar um profissional no campo das Ciências da Religião, considerando os vários ângulos metodológicos, teóricos e culturais, aponta-nos para complexidades das mais diversas. Para dar conta dessa realidade, o caminho vai sendo construído à medida que se avança na

construção de um saber múltiplo que passa a ser percebido na prática de profissionais que contemplem essa abordagem em toda sua extensão e desafio.

Considerações finais

Pode-se afirmar que as Ciências da Religião no Brasil surgiram no tempo da interdisciplinaridade. O trabalho teórico-metodológico em Ciências da Religião, considerando-se as disciplinas auxiliares, advém da colaboração recíproca entre distintas áreas do saber. O caminho da pesquisa nesse campo se reconhece como interdisciplinar talvez por siso definido pelo que Piaget preconizou nos anos 1970, ao afirmar que o futuro pertenceria à interdisciplinaridade.

Ao se abrir uma fresta no passado recente, ao abordar aqui a origem dos programas de pós-graduação em Ciências da Religião, percebe-se que se forjou no Brasil e em outros países, como França, Canadá, Estados Unidos, uma clara tendência interdisciplinar nos estudos sobre o fato religioso. É verdade que não se observa nas discussões epistemológicas relativas à fundamentação da disciplina a necessária clareza no que se refere a essa problemática. O que se visualiza é uma tentativa de priorizar estudos em religião numa vaga noção de interdisciplinaridade. Isso não tem a ver com a confessionalidade ou interface com a teologia, mas com o contexto da discussão metodológica em consolidação no Brasil e em outros países: uma epistemologia de recorte interdisciplinar. Ela mesma foi se constituindo na abertura para o ensaio da colaboração de diferentes abordagens. As circunstâncias da origem dos primeiros programas e daqueles que surgiram nas últimas três décadas eram propícias à preocupação com estudos de religião distinguidos da abordagem teológica de recorte metafísico, diferenciados também da redução positivista. Nessa mesma época, transformações dentro e fora do país estiveram ligadas à compreensão da relação religião e sociedade, demandando

uma compreensão, a mais ampla possível, sobre o fato religioso. Ao mesmo tempo, embora sem clareza por parte dos atores que construíram as Ciências da Religião no país, estavam em curso importantes discussões sobre interdisciplinaridade em vários círculos acadêmicos no país. O momento no campo epistemológico foi propício ao desenvolvimento de pesquisas envolvendo a interdisciplinaridade.

A discussão sobre a interdisciplinaridade se efetivou na mesma época em que os programas iniciaram suas atividades. Sem remontar conceitual, teórica e metodologicamente à questão interdisciplinar, o que se fazia ou fez nos programas levou à definição de uma tendência da pesquisa em Ciências da Religião para o campo da interdisciplinaridade. Esse elemento favoreceu o intercâmbio entre as disciplinas preocupadas com o fato religioso. Essa atitude parece ter inspirado os programas que surgiram posteriormente nessa área de saber a trilharem a mesma tendência, sem, contudo, nomeá-la ou conceituá-la do ponto de vista teórico-metodológico. Como tudo o mais que foi acontecendo na constituição das Ciências da Religião no Brasil, também a interdisciplinaridade foi sendo acolhida de modo circunstancial.

É evidente que não se tem ainda uma posição mais apurada sobre essa problemática interdisciplinar no campo da epistemologia das Ciências da Religião no Brasil. Ainda há muito sendo feito no estrito escopo dos estudos disciplinares. É importante salientar, porém, que o caráter interdisciplinar está em construção. As práticas interdisciplinares buscam formas de entender de que maneira os temas religiosos podem ser pesquisados por diversas abordagens, principalmente em se tratando de manter a diversidade na diferença, uma das marcas da cultura brasileira.

Referências Bibliográficas

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Ciência da Religião, Ciências da Religião, Ciências das Religiões? In. TEIXEIRA, Faustino (Org.). *A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil: a afirmação de uma área acadêmica*. São Paulo: Paulinas, 2001.

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. *Documento de área 2007-2009 – Interdisciplinar*. Brasília: MEC, 2009. Disponível em: <http://qualis.capes.gov.br/arquivos/avaliacao/webqualis/criterios2007_2009/Criterios_Qualis_2008_45.pdf>. Acesso em: 04/04/2012.

DREHER, Luís Henrique. Ciência(s) da Religião. Teoria e pós-graduação no Brasil. In. TEIXEIRA, Faustino (Org.). *A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil: a afirmação de uma área acadêmica*. São Paulo: Paulinas, 2001.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. *Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa*. Campinas: Papirus, 2006.

GRESCHAT, Hans-Jürgen. *O que é Ciência da Religião?* São Paulo: Paulinas, 2006.

JAPIASSU, Hilton. *Interdisciplinaridade patologia do saber*. São Paulo: Imago, 1976.

LEIS, Ricardo Hector. Especificidades e desafios da interdisciplinaridade nas ciências humanas. In: PHILIPPI JÚNIOR, Arlindo; SILVA NETO, Antônio (Orgs.). *Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia & inovação*. Barueri: Manole, 2011.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. 10 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

MARQUES, Ângela Cristina Borges; ROCHA, Marcelo. Memórias da fase inicial da Ciência da Religião no Brasil – Entrevistas com Edênio Valle, José J. Queiroz e Antonio Gouvêa Mendonça. *REVER – Revista de Estudos da Religião*, n. 1, p. 192-204, mar. 2007. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv1_2007/t_entrevista.htm>. Acesso em: 03/03/2012.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Dois pioneiros e *un passeur de frontières*. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). *A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil: a afirmação de uma área acadêmica*. São Paulo: Paulinas, 2001.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. Ciências da Religião e Teologia: interfaces. Perspectiva brasileira. In: CONGRESSO NACIONAL DA ANPTECRE, 3. São Paulo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011.

PHILIPPI JÚNIOR, Arlindo; SILVA NETO, Antônio (Orgs.). *Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia & inovação*. Barueri: Manole, 2011.

PIAGET, Jean. *Problemas gerais da investigação interdisciplinar*. Trad. Maria Barros. Paris: Mouton-Unesco, 1970. v. III.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. *Globalização e interdisciplinaridade*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

STEIL, Andrea Valéria. Trajetória interdisciplinar formativa e profissional na sociedade do conhecimento. In: PHILIPPI JÚNIOR, Arlindo; SILVA NETO, Antônio (Org.). *Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia & inovação*. Barueri: Manole, 2011.

TEIXEIRA, Faustino (Org.). *A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil: a afirmação de uma área acadêmica*. São Paulo: Paulinas, 2001.

USARSKI, Frank. *Constituintes das Ciências da Religião: cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma*. São Paulo: Paulinas, 2006.

_____. (Org.). *O espectro disciplinar da Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2007.